

Territórios de inserção: questões de enquadre ¹

Julio Frochtengarten ²

Meu território de inserção dentro da clínica psicanalítica é hoje, exclusivamente, o atendimento em consultório de clientes que atendo dentro da modalidade que se convencionou chamar hoje alta frequência. Será de dentro, e a partir, desta condição que pretendo abordar como penso o enquadre em psicanálise e suas variações. Espero que estas sejam questões que interessem e proporcionem conversa entre nós.

Em Freud não se encontra uma descrição ampla e geral do que poderíamos chamar de técnica analítica. Mesmo nos assim chamados “*Artigos sobre Técnica*” - 1911 a 1915 – não há uma exposição sistemática da técnica psicanalítica. Em um destes, ele esclarece que alcançou suas regras no decurso de muitos anos e pela própria experiência, enfatizando seu caráter individual:

Devo, contudo, tornar claro que o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar uma atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta (Freud, 1912/1969).

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa “Territórios de inserção: questões de enquadre” com Osvaldo Ferreira Leite no eixo “Psicanálise e suas clínicas” no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Este trabalho é uma versão atualizada e condensada de outro mais extenso publicado na Revista Brasileira de Psicanálise (Frochtengarten, 2010).

² Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Em vários destes artigos, Freud enfatiza que não descreve regras e sim recomendações. Não reivindica sua aceitação incondicional e as compara às recomendações dos manuais de xadrez:

Todo aquele que espere aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogo admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição deste tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes (Freud, 1913/1969).

E continua:

A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro que habitualmente é errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado. Essas circunstâncias, contudo, não nos impedem de estabelecer para o médico um procedimento que, em média, é eficaz. (Freud, 1913/1969).

É difícil reconstituir o caminho, mas todo este conjunto de considerações e recomendações escritas – muitas vezes examinadas em seus sentidos, significações e justificativas psíquicas – acabaram por constituir o que hoje denominamos enquadre e *setting*. Elas dizem respeito a aspectos formais e às disposições do analista, incorporadas e encarnadas nele vindo a constituir o “palco” onde se espera que o encontro analítico possa acontecer.

No início de minha formação ouvia dizer que os termos enquadre e *setting* se referiam a algo interno ao analista e não aos aspectos formais da sala como neutralidade do ambiente criado no consultório, uso do divã, duração das sessões, horários estabelecidos, frequência,

pagamentos, férias... Esta discriminação me fez sentido, adotei-a em teoria; e me parece haver certo consenso quanto a ela entre os analistas. Em minha prática cuido destes aspectos formais uma vez que eles me dão alguma estabilidade, mas percebo que não a garantem. Se os aspectos formais parecem importantes, é certamente a parte mais fácil de manter, enquanto este “algo interno” é bem mais difícil de ser definido, construído e mantido.

Não tenho como justificar, além de minha observação retroativa, minha opção em trabalhar, até aqui, dentro da modalidade em que venho praticando a psicanálise. Sei que este enquadre constitui e sustenta meu território de inserção, por me atender em termos de criar e estabelecer confiança, intimidade e liberdade com os clientes, tornando possível suportar as tensões e o esforço criativo inerente ao processo. Além do mais, lembrando que a psicanálise expande o próprio campo que investiga, encontro, em minha forma de trabalhar, uma boa condição para conter o que passa e o que vai surgindo nesse processo.

Em 2007 participei como convidado de uma Mesa no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise cujo tema era “Violações do *Setting*”. Talvez hoje, apenas 11 anos depois, um debate sobre enquadre nem seria assim formulado e proposto... Apesar de minha estranheza já na ocasião, aceitei o convite e produzi um texto que denominei “*É preciso ser psicanalista. É preciso?*” que foi publicado em 2010 na Revista Brasileira de Psicanálise (Frochtengarten, 2010). A apresentação continha uma ideia que até hoje mantenho para mim: o enquadre pode se instaurar e se manter desde que exista uma discriminação mínima de sujeito - objeto, presença - ausência, impulso - ação – eu e o outro. É esperado que esta condição mental esteja presente no analista; já o analisando é livre, não tem *a priori* compromisso com estas discriminações, a psicanálise ou seu *setting*. Enquadre é uma questão de responsabilidade ética do psicanalista – manter o vértice psicanalítico, sonhar e pensar dentro da turbulência emocional da sessão procurando integrar o “colorido do sentir ao preto e branco do pensar” (Cecilio, S. B., 2018).

Enquadre não é somente um conjunto de regras, mas sim referências, eixo, suporte ou ambiente no qual transcorre a análise. Deve estar, portanto, a serviço do método analítico, tornando-o celeiro de atividades psíquicas não conscientes. Variações do enquadre inicialmente proposto e ajustado entre mim e o cliente, quando ocorrem, deveriam ser

compreendidas e pensadas *dentro* da experiência emocional que se dá neste vínculo. A parte fixa, formal, deste enquadre resultou de uma série de experiências que foram se configurando e consolidando a partir do próprio trabalho; e também de minhas exigências pessoais. Já, a parte mental dependerá da mobilidade dada pelas condições emocionais de ambos e do par a cada momento.

Assim, procuro instaurar o *setting* que escolho como suporte favorável à investigação que se inicia e sua elaboração consequente. Com esta convenção e referência estou comprometido até o limite em que – por minha conta e da dupla – me disponha a modifica-lo. Não vejo isso como violação, perturbação, interferência ou perigo; e sim como abertura para o outro com potencial riqueza comunicativa. Estas modificações se darão em função de minha disposição, meu grau de tolerância e capacidade de dar sentido e significado; ou, às vezes, de minha condição de suspender o significado e aguardar, me abrindo, com capacidade negativa, para a indagação.

Quando há condições de experimentar emoções e com elas desenvolver pensamentos em ambos os participantes da dupla – ou ao menos no analista – considero que está mantido um ambiente favorável à análise. Mas se, por exemplo, o analisando atribui ao mundo externo – seja dentro ou fora da sala de análise – qualidades que são suas, através do chamado mecanismo de identificação projetiva – e o faz com excessiva crença – isto vai afetar intensamente o ambiente da análise. Em situação assim o universo mental pode sofrer expansão de tal magnitude que não é mais visto como pertinente ao âmbito psíquico, nem à relação com o analista na sala. O ambiente analítico sofre modificação explosiva, expandindo-se para o infinito e ameaçando a possibilidade da análise. Se o analista tem o método analítico internalizado, se tem compromisso e disposição consistentes em favorecer a análise, modifica o *setting* sem sentir-se sob pressão da parte cindida, projetada, não pensada do cliente; se percebe, no momento ou atrasado, ter decidido sob pressão e não com autonomia, cabe a ele abrigar o que antes não pode ser pensado. Isto é uma decisão que cada analista tomará a cada momento. O compromisso do analista não é com o *setting* convencionado, mas sim com a ética de favorecer crescimento.

Questões de enquadre, o título desta Mesa, para mim se confunde com o próprio método analítico. É, por excelência, a disposição para examinar, estando dentro, as emoções presentes e seus movimentos no decorrer do tempo. “O *setting* pode ser considerado como claustro (Meltzer, 1992) ou como continente com qualidades de elasticidade e robustez (Bion, 1962)” (Ferro, 1998).

Enquanto meu cliente se move como e por onde pode, é útil que possa encontrar em mim o analista encarnado. Assim, aquilo que começa como convenção pode direcionar o contato para a sondagem de nossas dimensões emocional e psíquica.

Penso em *setting* como um conjunto de condições que me favorecem exercer psicanálise, incluindo aí momentos em que o *setting* convencional é mantido e outros em que o modifico. Também estão incluídos neste conjunto o sentido e significação psíquica que sustentam esta manutenção ou mudança: por ação super-egóica ou egóica, por pensamento ou automatismo? É neste ambiente de indagações que vou trabalhando, em relação como ser humano com outro.

Na mente humana – não é demais lembrar que isto vale para analistas e analisandos – predomina o sistema não consciente, território do infinito incognoscível e inefável. A mente, por sua natureza e modo de funcionar, por si própria não cabe em enquadres, podendo expandir-se até o infinito como se evidencia, por exemplo, nas alucinoses. Cito Bion: “A situação do psicanalista lidando com transformações psicóticas é similar àquela atribuída aos físicos nucleares. Eles têm que lidar com relacionamentos de um domínio que não tem limitações finitas” (Bion, 1983).

Em outras palavras, o que chamamos mente, e queremos conhecer e lidar com ela, não se mantém limitada pela simples demanda de uma organização externa fixa e estruturada. Preciso disciplina para me servir do método analítico; isso inclui um campo delimitado que devo decidir e escolher em meu trabalho. Colocar-se dentro dele não é, por si só, uma forma do ser humano operar; é tão somente uma possibilidade que depende da capacidade do momento de pensar nas, e com, as experiências emocionais vividas. O pensamento permite

diferenciações, discriminações, diferenças e semelhanças; já o não-pensamento homogeneíza, apaga as diferenças, padroniza. Como a experiência analítica envolve tanto pensamento quanto não-pensamento, preciso sempre que possível investigar o sentido e a significação de atender a cada aspecto do enquadre proposto. Lembro mais uma vez que este é um compromisso do analista com seu próprio pensamento e a psicanálise – seu método e sua ética.

É assim que procuro estar presente na sala e no momento. Isto envolve a difícil disciplina de escapar do passado e do futuro e, sensível ao maior número de fenômenos, estar disponível para o que não é conhecido, num processo alheio às contradições, à lógica, às sequências e à causalidade, em ambiente propício para que possam surgir *factos seleccionados* (Bion, 1966) que dão coerência e significado a eventos conhecidos. Este processo vai me dando uma direção, uma possibilidade de dizer algo ao paciente, “criando” um interlocutor para mim. Com isso espero estar deixando claro que entendo a prática da psicanálise como um processo; este não se confunde com outras modalidades práticas que implicam em intervenções pontuais que possam estar inspiradas na teoria e clínica psicanalítica.

Pelas dificuldades inerentes à tarefa podemos ficar tentados a transformar o *setting*, originalmente condição para o trabalho analítico, em substituto da psicanálise. Psicanálise e *setting psicanalítico* – em seus aspectos formais – não podem ser confundidos um com o outro. Somente a preservação do método analítico, nutrindo o desenvolvimento de um processo e da capacidade de pensar dos analistas, pode afastar a ameaça de dispersão e confusão na psicanálise, respeitando a diversidade psíquica e cultural da raça humana.

Há um provérbio latino que diz: “O que é rígido desaba e o que está em constante movimento persiste”.

Referências

Bion, W.R. (1966). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, p. 153. (Trabalho original publicado em 1963)

_____(1983). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago, p.62. (Trabalho original publicado em 1965).

Cecilio, S. B. (2018). *Integrando & Diferenciando – Matemática & Psicanálise*. Minas Gerais: Edição da Autora, p. 94.

Ferro, A. (1998). *Na sala de análise*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S (1969). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol XII, p. 149). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

____ (1969). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol XII, p. 164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

Frochtengarten, J. (2007). Ver. Bras. Psicanál, 2010, v.44, nº 2, p.45-53.